

# OBRAS DE MISERICÓRDIA NOS ESCRITOS E NA VIDA DO PADRE ESTANISLAU PAPCZYŃSKI, FUNDADOR DOS MARIANOS

Pe. Casimiro Krzyzanowski, MIC

## Introdução\*

*Templum Dei Mysticum (TDM)*, *O Templo Místico de Deus*, é o escrito latino que apresenta a mais completa e detalhada exposição da doutrina do Pe. Papczyński sobre as obras de misericórdia. Essa está contida no Capítulo XXI, intitulado: “Restauratio Templi Mystici”, “Reparação do Templo Místico”. Aqui, o “templo místico de Deus” é a alma do cristão. Esta alma, afirma Pe. Estanislau, é destruída pela “opera impia”, isto é, os pecados, e, por isso, são necessárias obras misericordiosas, “opera pia”, para efectuar a “restauratio”, a reparação, isto é, uma renovação da alma, para a restabelecer no estado anterior. Numa palavra, o que foi danificado é preciso repará-lo.

Na nossa apresentação servir-nos-emos também de outros escritos de Pe. Papczyński. Veremos também como na sua vida as obras de misericórdia ocupam um lugar notável.

As obras de misericórdia são chamadas pelo Pe. Papczyński “Pietatis actiones”, isto é, acções de piedade, de bondade, de clemência, e afirma que, por meio delas, se pode alcançar tudo de Deus: “quibus effeceris omnia apud Deum”<sup>1</sup>.

O Pe. Estanislau segue a tradicional divisão das obras de misericórdia, que são catorze: apresenta as sete que dizem respeito ao corpo, as obras *corporais* e as sete que dizem respeito à alma ou ao espírito, as obras *espirituais*.

## A. Obras de misericórdia corporais

Pe. Papczyński põe em primeiro lugar a obra *visitandi infirmos*, visitar os enfermos. Esta obra de misericórdia, diz ele, é expressamente louvada por Jesus Cristo, porque é uma das obras pelas quais, como feitas a Ele próprio, no juízo final se receberá o Reino celeste: “estive doente e viestes visitar-me” (*Mt 25, 36*).

“São de louvar, diz Pe. Estanislau, os que visitam os doentes pobres, e, por isso, chegam ao seu leito *non vacuis manibus*, isto é, não de mãos vazias”. Por outras

---

\* Esta conferência foi proferida em italiano a 5 de Abril de 2002, na V Semana de Espiritualidade sobre a Misericórdia de Deus, realizada no Convento de Balsamão, de 2 a 7 de Abril de 2002. Está publicada in IV E V SEMANA DE ESPIRITUALIDADE SOBRE A MISERICÓRDIA DE DEUS, *Obras de Misericórdia*, Edições MIC, FÁTIMA 2003, pp. 255-277. A tradução portuguesa, para esta publicação, foi feita pelo Pe. Basileu Pires, MIC, e pelo, ainda noviço, Ir. João Rodrigues, MIC.

<sup>1</sup> S. PAPCZYŃSKI, *Templum Dei Mystici (TDM)*, Institutum Historicum Marianorum, Coleção Fontes Historiae Marianorum, n.º 5, Editado por CASIMIRUS KRZYŻANOWSKI, MIC, VARSAVIAE, 1998, p. 84. As citações feitas do capítulo XXI, intitulado *Reparação do Templo Místico*, que trata sobre as obras de misericórdia, estão contidas desde a p. 84 à p. 100; por comodidade não introduziremos notas de rodapé referentes a este capítulo.

palavras, Pe. Estanislau, exorta-nos a visitá-los com as mãos cheias de dons, com os quais os doentes pobres poderão ser ajudados na sua doença e pobreza.

Pe. Papczyński dedicava-se frequentemente a esta obra de misericórdia. Como o afirma um dos textos do seu Processo, deslocava-se “septios ad infirmos”, muito frequentemente aos enfermos, e Pe. Leporini informa-nos que visitava frequentemente os hospícios para os pobres, distribuindo por eles copiosas esmolas e provendo-lhes “necessaria”, as coisas para satisfazer as suas necessidades materiais e para cuidar das suas doenças. Além disso, com as suas orações, às vezes obtinha-lhes a cura<sup>2</sup>.

Por esta obra de misericórdia distinguiu-se, segundo o Pe. Papczyński, sobretudo S. João de Deus. Português de nascimento, é o Fundador da Ordem dos Hospitaleiros, popularmente conhecidos por Irmãos de S. João de Deus, que prestam assistência corporal e espiritual aos enfermos e aos necessitados, especialmente aos pobres. Pe. Papczyński diz que é “*Ordo pientissimus*, uma Ordem piíssima, famosa pela caridade que a caracteriza. Por isso, a gente chama aos seus membros *Bonos Fratres* [em português: *Bons Irmãos*], por causa da obra verdadeiramente boa e feita verdadeiramente bem”.

“Há, prossegue Pe. Papczyński, em muitos sítios, sobretudo em Roma, lugares para os doentes, aos quais a liberalidade dos misericordiosos provê, em abundância, a tudo o que precisam, e não só aos medicamentos; é a liberalidade pela qual abrem a uma via segura para o céu”. Depois, o Pe. Estanislau refere o que provavelmente vê com os próprios olhos, quando esteve nos anos de 1667-68 em Roma: aí, afirma ele, podem ver-se os mais altos prelados da Igreja, mesmo os cardeais, os quais não se envergonham de exercer esta humilde obra de misericórdia: “põem-se em fila aos pés dos pobres e dos doentes, aos quais dão tanto alívio, [...] e à gente tanta edificação. Portanto, pergunta o nosso autor, quem não ousa fazer o que não se envergonha de fazer a sacra púrpura”, isto é, um cardeal?

Passando à segunda e à terceira obras de misericórdia espirituais (apresentadas juntamente), Pe. Papczyński louva-as, afirmando que “*cibum potumque ministrare egentibus*, isto é, prover ao alimento e dar de beber aos necessitados é um sinal de uma grande bondade”.

Pe. Estanislau deseja que os fiéis imitem as pessoas que se distinguiram no exercício destas obras, como o papa Clemente IX que “frequentemente convidava os indigentes para a sua mesa, seguindo nisto o costume de Gregório Magno”; de facto, este papa, como o afirmam os historiadores, todos os dias recebia à sua mesa doze pobres, aos quais servia alimento e bebidas.

Pe. Papczyński apresenta também o exemplo das mulheres “célebres nesta virtude, como Santa Isabel, Santa Hedviges e Santa Cunegundes. Felizes, diz ele, se agora temos imitadores!” Admite, porém que “a dignidade ou os cargos públicos possam impedir alguém de se empenhar pessoalmente nesta obra”; mas, afirma, “se alguém o faz *per alios*, isto é, servindo-se dos outros, não será privado da recompensa”.

Pe. Papczyński procurava “diligentemente” aliviar “inopias et calamitates”, isto é, as indigências e os infortúnios dos pobres, e, por isso, mereceu o apelativo de “*Pater pauperum*”, *Pai dos pobres* e “*Pater agentium et orphanorum*”, *Pai dos necessitados e dos órfãos*.

Pe. Wyszyński menciona o facto de que Pe. Papczyński erigiu um hospício para manter, com meios de subsistência de todo o género, os idosos pobres, em Góra. Quando a construção deste hospício foi interrompida com a morte do bispo

---

<sup>2</sup> Cf. P. LEPORINI, *Vita Fundatoris*, § 51.

Wierzbowski, para salvar esta obra de misericórdia, Pe. Estanislau dedicou-se a esse trabalho com os seus companheiros religiosos e, “com as próprias mãos”, completou a construção<sup>3</sup>.

“*Redemptio captivorum*, isto é, empenho em libertar os prisioneiros, especialmente das mãos dos infiéis”. “Oh, como é gloriosa! Como é rica em mérito!”, exclama Pe. Papczyński, no louvor desta quarta obra de misericórdia corporal.

Depois apresenta o exemplo do bispo Paulino de Nola, o qual, “depois de ter prodigalizado para este fim tudo o que pertencia à Igreja e o que ele mesmo possuía, se ofereceu prisioneiro voluntário aos Vândalos, como substituto de um jovem, filho de uma viúva pobre”. Pe. Papczyński dirige-se aos ricos e pergunta-lhes se “o seu ouro, que geme na prisão [isto é, em qualquer esconderijo], não deveria ser usado de um modo mais conveniente para redimir os prisioneiros que gemem como escravos nas mãos dos Mouros e dos Tártaros!”

Louva S. Pedro Nolasco e S. Raimundo porque “fundaram uma Congregação de religiosos que se dedicavam à redenção dos prisioneiros, até ao ponto de se oferecerem a eles mesmos em seu lugar para obter a sua libertação. Pena é, diz ele, que tais homens, tão santos e piedosos, os mercedários, não se encontrem na Polónia, pois poderiam prestar auxílio a tropas inteiras de polacos que estão detidos nas mãos dos Tártaros e dos Turcos, expostos como estão ao perigo de perder a sua salvação eterna”, evidentemente, perdendo a fé.

Depois, oferece outro exemplo: “no cálculo de Deus, diz ele, ao asceta santíssimo Teódulo foi equiparado um comediante Cornélio, o qual, para remediar à vergonha de uma certa mulher e para obter a liberdade para o seu marido dissipador, encarcerado pelos seus credores, vendeu o vestuário e os móveis da casa, e com quatrocentas moedas de ouro assim adquiridas socorreu a miséria de outrem”. Disto se vê, conclui Pe. Papczyński, que “Deus vos estima muito, a vós que não tendes em nenhuma estima os vossos tesouros, quando os gastais em favor dos pobres”.

A quinta obra de misericórdia espiritual, que consiste em cuidar de “*nudos operire*, isto é, de vestir os nus, é-nos imposta, segundo o Pe. Papczyński, pela própria lei da natureza. Porque, quem somos nós para poder suportar descoberta a carne proveniente da nossa carne?

“Não o pôde, diz ele, aquela Taumaturga de Sena [isto é, Santa Catarina de Sena], a qual se despojou da sua túnica [aqui chamada: ‘veste interior’] para cobrir um pobre, e, por isso, como dom de Cristo, obteve a impassibilidade ao frio”<sup>4</sup>.

“Não o pôde suportar, Martinho, ainda catecúmeno, o qual, com a metade do seu manto, cobriu um homem nu, isto é, Cristo”, observa Pe. Estanislau.

“Não o pôde suportar, João [de facto, era Pedro] Gamrat, Bispo de Cracóvia, o qual, embora não sendo santo, de um carro com indumentos, que o acompanhava, costumava distribuí-los aos indigentes que encontrava, enquanto passava pelos caminhos. Por isso, mereceu ser avisado, pelo céu, da sua morte, a tempo oportuno, a fim de que pudesse juntar a penitência à misericórdia e se salvasse.

---

<sup>3</sup> Cf. CASIMIRO WYSZYŃSKI, *Vita S. D. P. Stanislai (VW)*, § 40.

<sup>4</sup> Um escritor daquele tempo, anotou: «tirou de si própria uma túnica, que tinha debaixo, sem mangas, e a deu com muito alegria ao peregrino pobre, que pedia vestuário para cobrir-se». De facto, também obteve a impassibilidade ao calor: «desde aquele momento, não sentiu mais mudança alguma no seu corpo, de mais ou menos calor ou frio, ... nem frios excessivos de Inverno ou calores veementes de Verão»; in: *Vita et Miracoli della serafica Santa Catherina da Siena*, Venezia 1608.

“E vós que estais imersos no lodo dos pecados, pergunta Pe. Papczyński, não vos desenhencilhais dele por meio dos indumentos dados aos pobres?”

“*Peregrinos excipere*, ou seja, dar pousada aos peregrinos” é a sexta obra de misericórdia corporal. Segundo o Pe. Papczyński, é “uma obra de grande mérito”. O Filho de Deus experimentou esta virtude nos apóstolos Lucas e Cléofas, em casa dos quais foi obrigado a permanecer para a Ceia. Enquanto partiu o pão, mostrou-se Deus e homem.

“Feliz esta cidade, exclama Pe. Estanislau, que, como conta uma antiga história dos Santos Padres, teve cidadãos assim piedosos, que arrebatavam os estrangeiros para lhes oferecer uma sumptuosa hospitalidade.

“Ai de vós, dirige-se Pe. Estanislau àqueles que descuram esta obra de misericórdia, que talvez dais alimento a muitos cães e permitis que os homens morram de fome! A vós que fechais os batentes da porta aos peregrinos e impedis, também, às vossas portas, a entrada aos homens pios e religiosos, Cristo não vos expulsará da porta do Céu?”

“Não sabeis, pergunta Pe. Papczyński, que a prostituta [Raab], pela hospitalidade oferecida benevolmente aos dois exploradores, foi recebida nas moradas celestes?” (Cf. *Jos 2*, 1-22; 6, 22-23.25)<sup>5</sup>.

Depois, Pe. Papczyński cita o provérbio: “*Hospes venit, Christus venit*”, isto é “Chega um hóspede, chega Cristo”, que nos recorda o provérbio polaco (e português): “Hóspede em casa, Deus em casa”, e explica: “quem recebe um hóspede recebe Cristo; e Cristo, por sua vez, conclui o nosso autor, não receberá aquele que o acolheu nos tabernáculos eternos?” A resposta a esta pergunta é: sim, recebê-lo-á certamente.

Considerando a sétima obra de misericórdia corporal, Pe. Estanislau exorta os fiéis a “*Sepelire mortuos*, isto é, sepultar os mortos gratuitamente, só por caridade; e isto, segundo Pe. Papczyński, não é para Deus um serviço de pouco valor. Este acontece raramente, anota ele, especialmente quando são poucos os que nele participam e também poucos os que o fazem. E entre estes, famosíssimo é Tobias, o velho, o qual pelas suas acções de piedade, como a de sepultar os mortos, se torna amigo de Deus”, como o afirma o nosso autor no início do capítulo. Pe. Papczyński cita as palavras dirigidas a Tobias pelo Arcanjo Rafael: “Enquanto oravas, tu e a tua nora Sara, eu apresentava as vossas orações diante da glória do Senhor. Da mesma forma, enquanto enterravas os mortos, eu também estava contigo” (*Tob 12*, 12). E daqui, Pe. Papczyński conclui: “certamente de um modo efficacíssimo reza aquele que, crendo obter a misericórdia de Deus, a exerce para com o homem. Na verdade, pergunta o nosso autor, que misericórdia pode ser mais insigne do que a prestada aos mortos, dos quais não se pode esperar nenhuma recompensa, nenhuma gratidão e nenhum louvor?”<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> Trata-se daqueles dois exploradores enviados por Josué a Jericó. Pe. Estanislau chama-os Josué e Caleb, mas verdadeiramente não são conhecidos os seus nomes. Naquilo que diz respeito à recompensa dada a Raab por esta hospitalidade, do livro de Josué, só se sabe que esta com a sua família foi salva do extermínio dos habitantes de Jericó (“não morreu com os incrédulos”); mas, da Carta aos Hebreus e da Carta de Tiago, sabe-se que Raab foi salva pela sua fé ( *He 11*, 31), justificada por causa das suas obras (*Tg 2*, 25)

<sup>6</sup> Hoje, à luz da doutrina da comunhão dos santos em Cristo, acreditamos que podemos ser ajudados por todos os fiéis defuntos, seja pelos que já são glorificados seja pelos que ainda se purificam depois desta vida ( cf. *Catecismo da Igreja Católica*, 956, 958, 1475 e 1479). No tempo em que viveu o Pe. Estanislau, acreditava-se que só depois das almas alcançarem o céu é que poderiam “recompensar-nos” da ajuda que lhe prestamos (cf. *infra*, quando se fala sobre a sexta obra de misericórdia espiritual).

“E, por isso, afirma Pe. Papczyński, os que fazem tais coisas sem dúvida que procuram a vida imortal”.

## **B. Obras de misericórdia espirituais**

São, depois, apresentadas, de um modo mais desenvolvido, as obras espirituais, assim chamadas, explica Pe. Papczyński, porque dizem respeito à “*alma e não ao corpo*”.

A primeira obra de misericórdia espiritual é: “*Consilium dare indigenti*”, ou seja, aconselhar quem tem necessidade de conselho. Habitualmente, refere-se aos que têm dúvidas, que têm necessidade de conselho. Pe. Papczyński afirma que “*mentis optima est*, isto é, é de ótima índole dar conselho sincero e salutar”. E prova-o do seguinte modo: “Deus criou os sábios, a fim de que os não sábios [isto é, os homens com pouca capacidade de discernimento] sejam ajudados e dirigidos por eles. Verdadeiramente piedoso é quem o faz sem ambicionar e procurar recompensa. Porque às vezes um recto conselho, afirma Pe. Estanislau, ajuda mais do que não sei quantos subsídios pecuniários. Muitos se precipitariam no Inferno se não encontrassem ótimos conselheiros; não poucos se perderiam se não se salvassem por um conselho de outrem. Por isso, exorta o nosso autor, dêem os peritos o conselho no foro de consciência, no foro dos assuntos públicos, na cúria, nos campos militares; o conselho que achem mais salutar e útil, e o façam movidos pela caridade e, então, com esta exímia virtude, proverão também muito à própria salvação”.

Pe. Papczyński afirma que os que procuram alcançar a perfeição, se se servem de ótimos conselheiros, fazem um máximo progresso nela e ilustram a Igreja inteira com as suas obras. Isto vê-se, segundo ele, na vida de Santa Teresa de Ávila: “Quantas grandes coisas, afirma ele, fez na Igreja a virgem Teresa, a qual se serviu, para além do Espírito Santo, de ótimos conselheiros!” E menciona um deles, S. Pedro de Alcântara, o qual “não só a ela, mas a muitos outros com os seus conselhos *promovit ad astra*”, isto é, fez avançar até ao Céu, aos cumes da virtude.

Por isso, afirma ele, “devem-se derramar os dons do Espírito Santo. Seria inveja e malícia se alguém recusasse mostrar justas e honestas coisas àquele que deseja sabê-las”. E, por fim, admoesta contra a avareza da qual é movido “quem quer receber mercês pelo seu conselho”.

Pe. Leporini afirma que Pe. Papczyński era conhecido como “*Vir Consiliorum*”, isto é, homem famoso pelos seus conselhos, enquanto “os homens de todos os estados, condição e sexo iam a ele como a um oráculo e regressavam satisfeitos, dando graças a Deus”<sup>7</sup>.

“*Dare veniam in nos delinquentibus*, isto é, perdoar os ofensores e reatar relações amigáveis com os inimigos”. Realizar isto, afirma Pe. Papczyński, louvando esta segunda obra de misericórdia espiritual, “não é só propriamente cristão, mas é verdadeiramente divino”. E prova-o deste modo: “Em que é que exprimimos mais a bondade de Deus do que em perdoar as ofensas e em amar os inimigos? Já que a máxima bondade de Deus se manifestou em nós no facto de que, quando éramos seus inimigos, ele nos reconciliou consigo por Seu Filho. Deus não só nos concedeu o perdão dos pecados, mas, para satisfazer a justiça, quis que o Filho fosse imolado por nós. É

---

<sup>7</sup> LEPORINI, § 68.

isto que nos ensina o Apóstolo quando diz: «De facto, quando ainda éramos pecadores é que Cristo morreu pelos ímpios. Dificilmente alguém morrerá por um justo; por uma pessoa boa talvez alguém se atreva a morrer. Mas é assim que Deus demonstra o Seu amor para conosco: quando ainda éramos pecadores é que Cristo morreu por nós. [...] De facto, quando éramos inimigos de Deus, fomos reconciliados com Ele pela morte de Seu Filho» (*Rm 5, 6-10*)”.

Pe. Papczyński exorta o leitor ao exame de cada um dos pontos do texto citado e de aí encontrar “o que deveria ser imitado, *quantum fas homini*, enquanto o homem é capaz de o fazer”. E pergunta-se: “Quem dá o dinheiro ao seu devedor, para que, com este, ele salde o débito contraído? Quem, a fim de que o seu inimigo não morra, quer morrer em vez dele? Isto fê-lo o Filho de Deus, *Sator et Soter noster*, o nosso Criador e Salvador. E, por amor d’Ele, não concederemos o perdão àqueles que no-lo pedem? Não seremos propícios aos inimigos? Foi propício o bispo Ubaldo de Gubbio, o qual tendo o propósito de vingar-se do desprezo, por ter sido humilhado por um homem ignóbil *in scrobem calcis*, até ao fundo da humilhação, infligiu uma grande ferida ao inimigo: um ósculo.

“O nosso Salvador, incitando-nos a semelhante benevolência, dizia e exortava: «Se, ao ires apresentar a tua oferta ao altar, te recordares que o teu irmão tem qualquer coisa contra ti, deixa a tua oferta diante do altar e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; só depois apresentarás a tua oferta» (*Mt 5, 23-24*)”.

No seu livro *Inspectio Cordis*, Pe. Papczyński reflecte sobre o facto que Jesus Cristo, quando olhou para a cidade de Jerusalém “chorou sobre ela” (*Lc 19, 41*), e Pe. Estanislau exclama: “Ó imenso amor para com os ingratos e para com os inimigos! Ele sabe que devia ser morto por estes homens, contudo chora sobre a sua sorte gravíssima; Ele sabe que nesta cidade, cuja destruição Ele deplora, devia ser levantado na cruz e submetido à cruel tortura; contudo, esquecendo-se das futuras injúrias, ferido pelo agudíssimo aguilhão da dor, tem compaixão da infelicidade quer dos homens quer da cidade”. Segundo o Pe. Estanislau, nesta atitude, o Salvador deixou-nos o exemplo, para que nunca recusemos o perdão aos nossos inimigos<sup>8</sup>.

“Escutai, dirige-se Pe. Papczyński àqueles que arriscam a sua salvação descuidando esta obra de misericórdia, vós que nutrido perene sentimento de ódio, cozinhaus contínuo rancor no espírito, esperais a ocasião da vingança e, entretanto, beijais, com Judas, Cristo Senhor na Santíssima Eucaristia. Se assim forem perdoados os vossos pecados, como vós costumais perdoar aos vossos inimigos, *actum est de vestra salute*, perdeu-se a vossa salvação, estais perdidos. Portanto, «amai os vossos inimigos», assim vos exorta Jesus, «para que sejais filhos do vosso Pai que está nos Céus» (*Mt 5, 44-45*)”.

No livro *Inspectio Cordis*, Pe. Estanislau dá-nos um exemplo do Padre Saprício, que, na perseguição, foi preso e submetido a tormentos. Então, o subdiácono Nicéforo pediu-lhe a reconciliação, mas o padre, recusando-se a aplicar o preceito do perdão aos inimigos, não quis perdoar a ofensa a Nicéforo, que lho suplicava com muitas lágrimas. Por isso, privado do auxílio de Deus, não teve a coragem de afrontar o suplício final e suplicou aos carnílices que o deixassem livre, com a promessa que sacrificaria aos deuses<sup>9</sup>.

Pe. Papczyński, no *Orator Crucifixus*, cita Isidoro Clário, o qual afirma que Deus “permite que aconteçam as ofensas entre os homens, a fim de que todos tenham alguns devedores, aos quais deve ser dado o perdão; para que assim Ele possa perdoar-

---

<sup>8</sup> Cf. *Inspectio Cordis (IC)*, p. 161.

<sup>9</sup> Cf. *Ibid.* pp. 409-410.

nos máximos débitos, que Lhe tínhamos de pagar”<sup>10</sup>. “E nós, maravilha-se Pe. Estanislau, que assim imprudentemente deliramos, preferimos antes precipitarmo-nos no Inferno do que suportar com paciência, perdoar, mergulhar nas feridas do Salvador qualquer pequena palavra de sarcasmo, ou um exíguo desprezo, ou uma pequena injúria. Contudo, todos os dias clamamos ao Pai celeste: «perdoai-nos as nossas ofensas, assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido». Se, portanto, não perdoamos, aumentamos as nossas ofensas, e isto é um absurdo e a prova de máxima insânia”. E Pe. Papczyński conclui: “O perdão deve ser dado sobretudo também àqueles que não no-lo pedem, para que, pedindo-o, o possamos obter de Deus. Devemos perdoar, a fim de que nos seja perdoado”<sup>11</sup>.

Quem, porém, quer ter a firme certeza desta clemência divina, deve, segundo Pe. Estanislau, não só perdoar aos seus ofensores, mas também amar os inimigos. De facto, das palavras de Jesus: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Lc 23, 34), aprendemos que “devemos amar os nossos inimigos e perdoar-lhes as injúrias, a fim de que consigamos, assim, o certíssimo perdão e a remissão dos nossos delitos”<sup>12</sup>. Mais ainda, quem ama os inimigos obtém não só a remissão dos pecados mas também a adopção de filho de Deus, como o prometeu Cristo: “Amai os vossos inimigos”, [...] a fim de que sejais filhos do vosso Pai, que está nos Céus”(Mt 5, 44-45).

Pe. Estanislau, tendo diante dos olhos tal dúplice efeito, exorta os fiéis ao amor para com os inimigos, com as palavras de Santo Agostinho: “«exorto-vos ao amor para com os inimigos, porque não conheço nenhuma medicina mais útil para a sanação das feridas dos pecados. Embora exija muito esforço amar os inimigos será grande o prémio no futuro». Oh felicíssimo homem, exclama Pe. Estanislau, que por amor aos inimigos, obtém seja a remissão dos pecados seja a adopção de filho de Deus!”<sup>13</sup>.

Pe. Papczyński perdoava facilmente as injúrias recebidas. Os seus inimigos, se caídos em qualquer grave doença, juntamente com o perdão, às vezes, recebiam das suas mãos também a cura; de uma ou de outra maneira eram ajudados por ele. Toda a sua vingança para com os adversários consistia no dirigir-se a eles com as palavras de Santa Hedvigis: “*Parcat tibi Deus!*”, “Deus te perdoe!”<sup>14</sup>.

Na *Norma Vitae*, Pe. Papczyński exorta os Marianos a mostrar, sempre e em todas as ocasiões, às pessoas não pertencentes ao Instituto, mesmo às inimigas, “toda a possível caridade”, e quer que os Marianos se recordem sempre das obras de misericórdia, “que são feitas ao supremo Cristo Cabeça nos Seus membros”<sup>15</sup>.

Passando à terceira obra de misericórdia espiritual, Pe. Papczyński afirma que “*Solari afflictos*, ou seja, consolar os aflitos, não só com palavras, mas também com obras, não é uma fácil piedade”.

Pe. Papczyński distinguiu-se nesta obra de misericórdia. Segundo a irmã Otília, sua contemporânea, “ele consolava e ajudava os necessitados nas suas tribulações,

---

<sup>10</sup> S. PAPCZYŃSKI, *Orator Crucifixus (OC)*, Institutum Historicum Marianorum, Coleção Fontes Historiae Marianorum, n.º 6, editado por CASIMIRUS KRZYŻANOWSKI, MIC, VARSAVIAE, 1998, p. 9.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 10.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 4.

<sup>13</sup> *Ibid.*, p. 11.

<sup>14</sup> LEPORINI, § 73.

<sup>15</sup> *Norma Vitae (NV)*, II, 5.

enfermidades e aflições”<sup>16</sup>. Obtinha várias graças e consolações para aqueles que, nas suas aflições, se recomendavam às suas orações<sup>17</sup>.

“Tal piedade, anota o nosso autor, foi manifestada, segundo a narração de Virgílio<sup>18</sup>, pela [rainha] Dido, a qual disse: «*Non ignara mali, miseris succurrere disco* – não ignorante dos males, aprendo a socorrer os míseros»<sup>19</sup>”. E Pe. Papczyński explica: “deixando para trás a coutada da sua pátria Tiro, Dido, com toda a cidade de Cartago, recebeu o exilado Eneias com suma afabilidade. Embora pagã, mostrou o modo de socorrer os aflitos com os factos”.

E, depois, Pe. Estanislau dá-nos outros exemplos desta piedade: “A Job, os fiéis amigos, às palavras repletas de consolação acrescentaram os dons: «deram-lhe cada um uma cordeira e um brinco de ouro»” (*Job* 42, 11).

“A Mãe de Deus, a Beatíssima Virgem, angustiada pela cruelíssima morte do seu dilectíssimo Filho, era confortada por João: a partir daquela hora, em que se fechou o nosso clementíssimo Salvador no túmulo, «tomou-a consigo» (cf. *Jo* 19, 27)”.

“O próprio Mestre celeste, encorajando os discípulos, dizia: «o vosso coração não se perturbe nem se entristeça»” (*Jo* 14, 27).

“Ao contrário, o profeta, chorando sobre Jerusalém, cantava: «Chora sem cessar pela noite dentro; as lágrimas correm-lhe pelas faces. Entre todos os seus amantes, não há um que a console; todos os seus aliados a traíram, tornaram-se seus inimigos» (*Lam* 1, 2)”.

E Pe. Papczyński pergunta-se: “Que é mais grave do que não ter alguém que se condoa, participando na sua dor? Que é mais cruel do que acrescentar uma aflição a um aflito?”.

Por isso, Pe. Estanislau admoesta os fiéis: “Estai atentos, Cristãos, alegrai, se puderdes, também um triste inimigo. Alexandre vitorioso nobremente mostrou compaixão por Dario vencido. A nós tais coisas não nos convêm. Contudo, o Apóstolo ordena-nos «chorar com quem chora» (*Rom* 12, 15). E nem Cristo, nosso Rei e Legislador, nos ensinou outra coisa com o seu exemplo, quando, «vendo a cidade», em que pouco depois deveria ser morto e que em breve seria destruída, «chorou sobre ela» (*Lc* 19, 41)”.

É de notar que Pe. Papczyński já se referiu a este episódio evangélico quando tratou sobre o perdoar os ofensores.

“Facilmente, se condói, também, afirma Pe. Estanislau, com a ruína espiritual dos outros aquele que experimentou a própria fragilidade. Famosíssimo era aquele padre Felipe Néri, o qual, ouvindo que alguém cometeu um pecado mais grave, costumava dizer: «Deus me conceda que eu não faça coisas piores».

“Certamente se uma *calamitas* – calamidade sofrida pelo próximo, às vezes, provoca lágrimas em nós, é sobretudo a ruína espiritual que deve provocá-las, afirma Pe. Estanislau. Porque, que é mais infeliz do que o homem feito inimigo de Deus pelo pecado? Tais homens devem ser, de todos os modos, encorajados, ajudados”.

E, depois, Pe. Estanislau anota que disto depende uma outra obra, a quarta obra de misericórdia espiritual:

---

<sup>16</sup> *Posnaniensis. Beatificationis et Canonizationis Servi Dei Stanislai a Iesu Maria Papczyński [...] Positio super Introductione Causae et super Virtutibus (Positio)*, Romae 1977, p. 754, n.º 6.

<sup>17</sup> *Ibid.*, p. 819.

<sup>18</sup> *Eneide*, l. I, v. 630.

<sup>19</sup> Esta frase é traduzida de modo diferente em italiano (*Non ignara di male, imparo di socorrere ai miseri*). Por isso, acrescento as traduções em outras línguas: em inglês – “Not ignorant of ill, I learn to aid distress”; e em polaco – “Nieobca klęsce, umiem wpomagać nędzarze”.



“*Corrigendo peccatem*, isto é, a obra de corrigir os pecadores”. E explica com que prudência esta *correção fraterna* deveria ser feita: “Muitos corrigiriam os seus vícios, afirma ele, se tivessem prudentes correctores. Digo: prudentes, porque raramente é fecunda a correção feita com um zelo ardente; e menos ainda, se feita com furor”. E Pe. Papczyński apresenta a seguinte razão: como os homens pouco a pouco se habituam aos vícios, de igual modo devem ser deles retirados. A violência é nociva em tudo. Por isso David, tendo diante dos olhos a admoestação de Natã, que me parece, diz Pe. Estanislau, muito suave e cauta, cantava: «Castigue-me o justo e repreenda-me com misericórdia; mas que o óleo do pecador nunca me perfume a cabeça» (*Sl* 140, 5). O Apóstolo não prescreveu outra coisa, dizendo: «Irmãos, se porventura um homem for apanhado nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi essa pessoa com espírito de mansidão» (*Gal* 6, 1).

“Mas nem se devem manifestar os defeitos de outrem, antes que sejam admoestados os culpados de um modo privado e fraterno. Uma ofensa de alguém, e mais ainda, uma ofensa de muitos ou de uma comunidade tornada conhecida a muitos, costuma ser energicamente defendida. Alguns preferem perder a salvação [...] do que perder o bom nome. Deste mal, podem ser advertidos por sapientes correctores. A Sabedoria celeste deixou-nos a este respeito uma ótima regra, com estas palavras: «Se o teu irmão pecou contra ti vai e repreende-o a sós. Se te escutar terás ganho o teu irmão. Se não te escutar toma contigo ainda uma ou duas pessoas, para que toda a questão fique resolvida pela palavra de duas ou três testemunhas. Se ele se recusar a ouvi-las comunica-o à Igreja; e se ele se recusar a atender à própria Igreja, seja para ti como um pagão ou como um publicano» (*Mt* 18, 15-17).

“Vê, diz Pe. Estanislau ao leitor, quão lentamente, quão cautamente se deve progredir na correção fraterna!”

Na *Norma Vitae*, Pe. Papczyński disse, no assim chamado *Capítulo das Culpas*: “Deve-se evitar um zelo excessivo; mais louvável, no corrigir os defeitos alheios, se não existe perigo de demora, é seguir a regra evangélica: admoestá-lo a sós, admoestá-lo na presença de um irmão e, se não se emendar, enfim, corrija-o a Igreja (isto é, a assembleia)”<sup>20</sup>.

“Alguns corrigem-se, afirma Pe. Estanislau, quando ouvem os outros serem repreendidos dos males com que eles mesmos são oprimidos; outros, se não vêem as suas culpas não as reconhecem e crêem que neles próprios outros são corrigidos; outros, com frequentes correções tornam-se piores; outros ainda, desejam ser corrigidos mesmo nas mínimas coisas. E a estes, segundo Pe. Estanislau, aplica-se o seguinte provérbio: «Quem corrige alguém encontra depois mais gratidão do que aquele que lisonjeia com palavras» (*Prov* 28, 23). E com razão!”, conclui Pe. Papczyński.

A repreensão, a correção fraterna, tão louvada pela Sagrada Escritura, é portanto um grande benefício que cada um deverá aceitar com gratidão. Porque, então, admira-se Pe. Estanislau, “fugimos da repreensão, já não digo, correção, se «é melhor sermos repreendidos pelo sábio que enganados pela adulação dos estultos» (*Ecl* 7, 5), porque fugimos da repreensão, se «é melhor uma franca repreensão do que um amor dissimulado» (*Prov* 27, 5), porque fugimos da repreensão, se são melhores «as pancadas de quem te quer bem do que os falsos beijos de quem te quer mal»? (*Prov* 27, 6)”.

Depois, Pe. Papczyński volta ao discurso sobre a prudência da repreensão, porque, diz ele, “é preciso ter em conta a natureza daqueles que são repreendidos e a sua índole; devem ser tidos em consideração a ocasião e o modo de fazê-lo sapientemente. Mais, para os obstinados e os que estão privados da graça, é preciso pedir a Deus com

---

<sup>20</sup> NV, IX, 3.

máximo fervor para que realize com a sua luz o que supera a nossa prudência ou autoridade, do mesmo modo que transformou, às vezes, homens de máxima malvadez em homens de máxima santidade. Aqui é mais útil a oração do que uma rígida correção ou uma severa repreensão. Por isso, disse muito bem o autor da *Imitação de Cristo*: «O que o homem não pode corrigir em si mesmo ou nos outros deve sofrê-lo com paciência, enquanto Deus não dispuser o contrário [...]. Se alguém, depois de admoestado, uma ou duas vezes, não aceder, não alterques com ele; mas entrega tudo a Deus, que sabe tirar o bem do mal, para que a Sua vontade seja feita e o Senhor glorificado em todos os Seus servos»<sup>21</sup>”.

Porém, Pe. Papczyński, citando estas palavras, não quer dissuadir da correção, porque, diz ele, “*unicuique mandatum est de proximo suo* – a cada um é-lhe confiado o seu próximo”<sup>22</sup>. Contudo, continua o nosso autor, nem permito a indulgência, porque ela lança na ruína inteiras agregações.

“Quero, diz ele, que aqui esteja unida a caridade com a prudência e a paciência. Porque, mesmo o Apóstolo, impondo isto a Timóteo, diz: «Proclama a palavra, insiste em tempo propício e fora dele, convence, repreende, exorta com toda a compreensão e competência» (2 *Tim* 4, 2).

“Aliás, para cumprir a lei da correção fraterna, se não se pode fazer de outro modo, basta não aprovar a acção [pecaminosa]. Porque quem empreenderá lutas acerca do bem com os poderosos? A menos que estejas armado pela graça de Deus. Nesse caso, persuado-te que avances para a luta, e ou sucumbirás ou vencerás. Nisto tens grandes exemplos de grandes personagens. Entre os Hebreus, João Baptista; entre os latinos, Boécio com Símaco, Martinho com Gregório; entre os gregos, Crisóstomo com Basílio; entre os ingleses, Tomás Becket de Canterbury com outro Tomás, o More; entre os polacos (para não falar noutras nações) o glorioso bispo Estanislau e outros bem conhecidos<sup>23</sup>. Estes, enquanto revelam, acusam ou corrigem clara e energicamente os pecados de outrem ou corrigem [os pecadores] ou não consentem na impiedade, encontram ou o sumo ódio ou o exílio, ou a morte. Tens tanta graça? Ousa não poupar os ímpios e terás a coroa [no Céu]”.

“*Docere ignorantes*, ou seja, ensinar os ignorantes” é a quinta obra de misericórdia (ou de piedade) espiritual. Ela é bastante louvada pelo Pe. Papczyński: os que se dedicam a esta obra de misericórdia, afirma ele, “crêem que se aplica a eles o dito do Profeta: «os que instruem muitos na justiça, serão como hastes na eternidade»” (*Dan* 12, 3). E, afirmando isto, Pe. Estanislau não julga suficiente o louvor, e prossegue: “*Parva dixi* – disse pouco. Alcançarão louvores iguais ao louvor da Mãe de Deus os que infundirão o conhecimento, o amor e o temor de Deus nos corações dos outros”. E Pe. Papczyński exclama: “Oh quão excelentes são os cooperadores de Cristo, que só por causa do Seu amor propõem sincera e diligentemente o que é necessário para a salvação, para poder conduzir a vida segundo o costume cristão, para evitar os vícios, para abraçar as virtudes, e o propõem especialmente às crianças, *rudibus*, isto é, à gente rude (sem instrução) ou *barbaris*, isto é, aos incultos, ou *errantibus*”, isto é, podemos dizer, aos que se afastaram do recto caminho, enganando-

<sup>21</sup> *Imitação de Cristo*, Livro Primeiro, cap. XVI, 1 e 2.

<sup>22</sup> Evidentemente, ele refere-se aqui a estas palavras do Eclesiástico (ou Livro de Ben Sirá): “Et mandavit illis unicuique de proximo suo”, “e deu (Deus) a cada um deveres para com o próximo” (*Sir* 17, 14).

<sup>23</sup> Pe. Papczyński apresenta aqui somente os nomes destes “grandes personagens”. Na edição crítica do *Templum Dei Mysticum* pode-se encontrar, em nota, a explicação como estes “grandes personagens” acusavam os pecados dos poderosos e com que êxito.

se, errando, cometendo uma falta ou um erro. “Nenhuma obra de piedade, afirma Pe. Papczyński, é mais insigne, nenhuma é mais ditosa do que esta.

“Exercem tal tarefa: nas escolas, os professores; *in rostris ecclesiastae*, isto é, no púlpito, os pregadores<sup>24</sup>; em casa, fazem-na os pais, instruindo os filhos acerca das coisas sem as quais não se pode alcançar a salvação eterna. Mas, sobretudo, fazem-no os que se ocupam do ensino da doutrina cristã: se esse é descuidado, oh, quantas almas correm para o Inferno!”

E, aqui, Pe. Papczyński insere uma recordação pessoal, dizendo: “Eu aqui *gratias immortales ago* – agradeço perenemente todos os que me deram a ciência de Deus e a virtude; os que me ensinaram na minha ignorância. Peço que Jesus não lhes tire o prémio celeste, porquanto o conquistaram ou com as palavras ou com os bons exemplos. Também a mim mesmo a sua majestade se digne conceder-me a graça, para que não negligencie qualquer coisa neste dever. Além disso, suplico a Deus para que a todos aqueles que cuidam das almas conceda tanta luz e tanto fogo de amor quanto precisam para com os que dependem da sua fé e da sua virtude para serem instruídos em toda a probidade e santidade. E, de modo particular, aos pregadores e aos párocos conceda o espírito apostólico, porque, pelo seu esforço e dedicação, muitíssimos devem ser conduzidos aos Céus”.

Sabemos que ao Pe. Papczyński foi concedida esta graça de Deus, porque até à sua morte permaneceu “*vir vere apostolicus*” (“homem verdadeiramente apostólico”), que nunca se cansava de pregar a palavra de Deus, de escutar confissões, de instruir “*ignorantes et rudes*” na doutrina cristã, “com toda a facilidade e afabilidade”. E aos seus seguidores, os religiosos marianos, ordenou para que perpetuamente se dedicassem a esta obra de misericórdia, seja nas suas próprias igrejas seja nas missões.

“Finalmente, diz Pe. Papczyński, ilustramos e confirmamos tanta piedade com o exemplo do piedoso príncipe Ladislau Jagellono. Sendo Duque da Lituânia, foi eleito Rei da Polónia sob a condição de que abraçaria a religião católica. E, mais tarde, estava inflamado de tão grande zelo para levar a sua gente ao verdadeiro culto de Deus, que ele mesmo lhes explicava os princípios fundamentais da fé; de facto, juntando, com todo o esforço, as pessoas ao rebanho de Cristo, torna-se de grande Duque da Lituânia em grande Apóstolo. Com razão, afirma Pe. Estanislau, ele podia rezar, com o Rei salmista: «Ensinarei aos transgressores os teus caminhos e os pecadores hão-de voltar para ti» (*Sl* 50, 15)”.

**Exorare**, isto é, rezar é a sexta obra de misericórdia espiritual. Habitualmente consiste na oração “por vivos e defuntos”. Pe. Papczyński, porém, aqui, refere-se apenas à oração pelos defuntos, dizendo: “rezar pela libertação das almas que se encontram no Purgatório, ou ajudá-las, seja com pias esmolas seja de outros modos, *summae charitatis est*, isto é, é um acto de suma caridade. É um homem verdadeiramente ímpio e *excors* – insensível aquele que não é movido pelas suas penas e não corre em auxílio daqueles que sofrem, enquanto o pode fazer.

“Judas Macabeu, um chefe valoroso e pio, «pensando digna e santamente na ressurreição», como se lê no *Segundo Livro dos Macabeus*, «mandou fazer uma colecta, recolhendo cerca de doze mil dracmas, que enviou a Jerusalém para que se oferecesse um sacrifício pelo pecado daqueles mortos» (2 *Mac* 12, 43). E isto fê-lo, anota Pe.

---

<sup>24</sup> Na edição crítica do *Templum Dei Mysticum*, infelizmente não foi corrigido o erro do texto original, provavelmente, erro de impressão: em vez de “*nostris*”, no texto original manuscrito estava, sem dúvida, “*rostris*”. Infelizmente, nem Jarra, na sua edição polaca deste livro, se deu conta deste erro ou não soube como corrigi-lo, e, além disso, traduziu erradamente para polaco a palavra “*Ecclesiastae*”, que não significa, como ele afirma: “*osoby duchowne*”.

Estanislau, o homem que estava ocupado em contínuas guerras, as quais habitualmente extinguem a piedade; o homem que pôde saber que a Sinagoga não tinha o poder que tem a nossa Santa Madre Igreja, de aplicar os méritos de Cristo Senhor aos defuntos.

“O que é que podemos fazer nós a este respeito, pergunta Pe. Estanislau, nós que mais podemos [obter] de Jesus e temos tão numerosos incitamentos para ajudar as almas dos fiéis que estão destinadas ao temporário tormento?”<sup>25</sup>

“Por isso, continua ele, muito me maravilho como é que um homem cristão não sente profundamente a sua deprecação, enquanto gritam com estas palavras: «Tende piedade de mim, tende piedade de mim, ao menos vós meus amigos» (*Job* 19, 21). E pensar que teremos no Céu tantos patronos e intercessores quantas almas conduziremos do fogo do Purgatório para lá, com o nosso esforço!

“Não acrescento nada mais, conclui ele, acerca deste assunto; basta considerar e seguir o que o Espírito divino proclamou: «é um santo e salutar pensamento rezar pelos defuntos, para que sejam livres dos seus pecados» (*2 Mac* 12, 46)”.

É sabido que Pe. Papczyński se distinguiu pelo amor misericordioso com que sufragava as almas mais necessitadas dos defuntos.

Sabemos, pelas suas memórias, que, pelo ano 1675, ele “sentiu nascer em si mesmo uma ingente devoção para com as almas do Purgatório”. Isto deve-se, provavelmente, à experiência mística que teve em Lubocza, quando, em êxtase, como nos transmitiu a tradição, desceu em espírito ao Purgatório, experimentando os sofrimentos com que as almas aí expiam os seus pecados. Regressando ao Convento de Puszca Korabiewska, disse aos seus companheiros: “rezai pelas almas do Purgatório, porque elas sofrem insuportáveis tormentos”. E ele próprio se fechou na sua cela, onde, com a oração e a flagelação, implorava a libertação destas almas das penas do Purgatório.

É conhecida também uma outra experiência mística que ele teve, talvez em 1693, em Studziana, na qual foi arrebatado ao Purgatório, onde viu insuportáveis penas das almas, e, depois, numa pregação, exortou os fiéis a dar a estas almas o sufrágio de que necessitavam.

O Pe. Wszyński informa-nos que o Pe. Fundador teve também outros êxtases, e que todos acreditavam que neles tinha sido arrebatado ao Purgatório. Pois ele, muito frequentemente, nas exortações aos confrades e nas pregações ao povo, costumava recomendar as almas dos defuntos ao seu sufrágio, e fazia-o bastante afectuosamente e com muitas lágrimas, afirmando que no Purgatório há uma grande multidão de almas que descontam gravíssimas penas.

Ele próprio, acrescenta Pe. Wszyński, oferecia às almas do purgatório todas as suas enfermidades, sofrimentos, fadigas, perseguições – e teve muitas – jejuns, mortificações e outras obras pias, e ordenou aos seus confrades para que se esforçassem perpetuamente a prestar-lhes o mesmo serviço de misericórdia. E Pe. Wszyński informa-nos que Pe. Papczyński afirmou que o Instituto religioso por ele fundado Deus o fez surgir na Santa Igreja com o fim de sufragar, com todo o esforço, as almas do Purgatório, Instituto que surgiu sob o título da Imaculada Conceição da Beatíssima Virgem Maria, como Mãe patientíssima e Protectora clementíssima das almas do purgatório<sup>26</sup>.

---

<sup>25</sup> Evidentemente, mencionando “numerosos incitamentos”, Pe. Papczyński pensava nas contínuas guerras e nas pestes que causavam naquele tempo, na Polónia, a morte inesperada de grande número de homens e a provável detenção no Purgatório de igual grande número de almas.

<sup>26</sup> Cf. VW, § 52.

De facto, por volta de 1676, o Pe. Fundador indicou esta obra de misericórdia como fim particular da sua recente fundada Congregação dos Marianos, com a obrigação de “sufragar com o *máximo esforço, piedade e fervor* as almas dos fiéis defuntos sujeitas às penas expiatórias, sobretudo as almas dos soldados e dos mortos pela peste”<sup>27</sup>. Esta finalidade foi aprovada, em 1679, pelo bispo Estêvão Wierzbowski, no documento da erecção da Congregação. No mesmo documento, o bispo louva o Pe. Papczyński, porque, como Fundador, “se dedicou **totalmente** com toda a Congregação”, ao auxílio a prestar às almas do purgatório<sup>28</sup>.

Do Pe. Wszyński, sabemos que Pe. Papczyński acompanhou o rei João Sobieski na guerra contra os turcos e que costumava sair fora do acampamento e dirigir-se aos muitos e grandes túmulos dos soldados caídos nas guerras precedentes contra os turcos, e todos os dias aí rezava *devotíssimamente* por eles. Um dia, aí lhe apareceram muitas almas suplicando-lhe para que nunca cessasse de lhes prestar tal sufrágio já que sofriam intoleráveis penas no purgatório. Por isso, regressando para junto dos seus confrades, ordenou-lhes para que entre todos os defuntos se recordassem sobretudo das almas dos soldados e dos que morreram de peste<sup>29</sup>.

De Leporini, sabemos que, movido pela compaixão para com as almas do purgatório, Pe. Estanislau assim rezava: “Misericordiosíssimo Senhor, aumenta em mim as dores, e nelas diminui as penas”<sup>30</sup>.

É de notar que a esta obra de misericórdia, orientada pelos Marianos, se dedicava a assim chamada “Confraria da Imaculada Conceição em sufrágio das almas dos fiéis defuntos”. Pe. Estanislau recomendava aos promotores desta Confraria para fazerem todo o esforço, a fim de que ela obtivesse o maior número possível de fiéis fervorosos e devotos que prestassem auxílio aos defuntos<sup>31</sup>.

A sétima obra de misericórdia (ou de piedade) espiritual apresentada pelo Pe. Papczyński, “a última, contudo, diz ele, igual às outras<sup>32</sup>, é: **Remittere iniurias**, isto é, perdoar as ofensas. Se os cristãos quisessem diligentemente fazê-lo, como devem, acabariam, segundo o Pe. Estanislau, as lutas, seriam suprimidos os tribunais, desapareceriam as fraudes e os enganos, como também muitas velhacarias, que são cometidas, às vezes, por vingança, a maior parte das vezes injusta; por outro lado, muitos seriam coroados por Deus com o louro da paciência”.

Pe. Estanislau anota que “já São Paulo recomendava bastante esta obra de misericórdia aos Coríntios”; procurava corrigir o seu modo de agir contrário a ela, dirigindo-lhes esta admonição: “«No entanto, um irmão processa o seu irmão, e isto diante dos não crentes! Ora, a existência de questões entre vós é já um sinal de inferioridade. Por que não preferis, antes, sofrer uma injustiça? Por que não preferis ser prejudicados? Mas, pelo contrário, sois vós que cometeis injustiças e causais danos, e isto contra os próprios irmãos! Ou não sabeis que os injustos não herdarão o Reino de Deus?» (1 Cor 6, 6-9)”.

“Desta cláusula do Apóstolo, verdadeiramente grave, afirma Pe. Papczyński, compreendo que é feliz quem sofre as ofensas; e, pelo contrário, é infeliz quem as faz. Quando aquele é exaltado pela recusada vingança tanto mais este é humilhado por Deus

---

<sup>27</sup> NV, cap. I, 2.

<sup>28</sup> Cf. *Positio*, pp. 395-396.424.

<sup>29</sup> Cf. VW, § 50.

<sup>30</sup> LEPORINI, § 3.

<sup>31</sup> NV, cap. VII, 8.

<sup>32</sup> Isto é, não menor em importância, como se diz em inglês: “Last, but not least”.

pela injustiça cometida. É bom perdoar, mas é mal irritar, ofender, oprimir. Enquanto eu, perdendo imito Cristo, tu perseguindo-me, rivalizas com os opressores de Cristo.

“Por isso, diz Pe. Papczyński, persuado a que se perdoem as ofensas, mas dissuado para que estas não se inflijam. Porque é útil para mim sofrer inocentemente, mas para ti é muito danoso maltratar-me. Ai! Então tu estás destinado a ir precipitadamente para o inferno, porque com a tua perseguição me fazes avançar para o Céu?” E Pe. Estanislau conclui com as palavras de Tomás de Kempis: “«Tem um grande e salutar purgatório neste mundo o homem paciente que, recebendo injúrias, mais se dói com a maldade dos outros do que com as próprias afrontas»<sup>33</sup>”.

Ao perdão das ofensas convida-nos, sobretudo, afirma Pe. Estanislau, o exímio exemplo que nos é dado por Cristo Crucificado, o qual assim rezava: “Perdoa-lhes, ó Pai, porque não sabem o que fazem” (*Lc* 23, 34). É a “primeira palavra” pronunciada por Cristo, da cruz, e Pe. Papczyński desenvolve-a de modo a mostrar que, “*remittendo remissionem obtineri*, isto é, perdendo as ofensas aos outros, nós mesmos obtemos o perdão dos nossos pecados”<sup>34</sup>.

Portanto, Pe. Estanislau insiste que se perdoem as ofensas; exorta os fiéis para que perdoem aos inimigos, aos caluniadores, aos difamadores, aos perseguidores, aos adversários, aos invejosos, aos opressores: “Perdoa-lhes, e Deus te perdoará; com a tua mansidão provocarás a clemência de Deus: acredita-me, não permitirá ser superado por ti nela”<sup>35</sup>.

Pe. Wszyński conta como um habitante de Góra “tratou duramente Pe. Papczyński com palavras ofensivas e até ousou empurrá-lo. Mais tarde, pediu perdão ao Pe. Estanislau, e este facilmente perdoou a ofensa que tinha recebido”<sup>36</sup>. Sabe-se que Pe. Estanislau estava sempre pronto a perdoar as ofensas recebidas dos seus perseguidores.

E o fez também na *Apologia*, depois de ter contado todas as perseguições sofridas no Instituto das Escolas Pias e as causas da sua saída do mesmo, dizendo que os seus perseguidores “podem esperar da sua parte uma verdadeira caridade”<sup>37</sup>. De modo semelhante, no seu Último Testamento, mencionando estas “gravíssimas perseguições” e tudo o que o despojou da sua primeira vocação religiosa, disse: “Perdo, diante de Deus, a todos os que as causaram”<sup>38</sup>.

É de notar que, na exposição das obras de misericórdia espirituais, Pe. Papczyński, de algum modo, confunde a segunda e a sétima obra, assim como não há muita diferença entre “perdoar aos ofensores” e “perdoar as ofensas”.

E não sabemos por que é que ele não apresenta a obra de misericórdia espiritual *suportar com paciência as fraquezas do próximo* ou *ser pacientes para com os que persistem no erro*<sup>39</sup>.

## Conclusão

---

<sup>33</sup> *Imitação de Cristo*, Livro Primeiro, cap. XXIV, 2.

<sup>34</sup> *OC*, Verbum I.

<sup>35</sup> *Ibid.*, p. 6.

<sup>36</sup> *VW*, § 81.

<sup>37</sup> *Apologia*, § 54.

<sup>38</sup> *Ibid.*, § 2.

<sup>39</sup> Um aceno a esta obra é feito na obra de corrigir os pecadores, onde ele diz, com Tomás de Kempis: “Aquelas coisas que o homem em si mesmo ou nos outros não pode emendar deve suportá-las pacientemente” (ver atrás).

“Enquanto agora termino este capítulo, diz Pe. Papczyński, desejo que em mim e em todos os homens cresçam as boas obras. Porque por meio delas a mística Casa de Deus é renovada, por elas se obtém a misericórdia de Deus. As nossas obras seguem-nos”<sup>40</sup>.

Depois, Pe. Estanislau cita as palavras de Tomás de Kempis: “Estejamos certos de que no dia do Juízo, não nos será perguntado o que lemos, mas sim o que fizemos; nem se falámos bem, mas se procedemos rectamente”<sup>41</sup>.

“Quando é que isto acontecerá?”, pergunta Pe. Papczyński. E a resposta vem de Jesus cristo: “Quando o Filho do Homem vier na sua glória [...] perante Ele, vão reunir-se todos os povos, e Ele separará as pessoas umas das outras, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. À sua direita porá as ovelhas e à sua esquerda, os cabritos. O Rei dirá, então, aos da sua direita: «Vinde benditos de meu Pai! Recebei em herança o Reino que vos está preparado desde a criação do mundo» (Mt 25, 31-34)”.

“Oh dulcíssimo *venite!*, exclama Pe. Papczyński. Mas com que poder maravilhoso foi obtido? Pelas obras de misericórdia cristã. «Porque tive fome [continua o Deus Juiz] e destes-me de comer, tive sede e destes-me de beber, era peregrino e recolhestes-me [...], adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ter comigo» (Mt 25, 35-36)”.

“Suemos, portanto, exorta-nos Pe. Papczyński, aplicando-nos às obras de misericórdia, suemos (isto é, trabalhemos muito); porque estas obras restauram o Templo de Deus, as nossas almas; renovemos o homem interior; então, ouviremos «benditos», possuiremos o reino celeste”.

E assim termina a exposição das obras de misericórdia no livro *Templum Dei Mysticum*.

Mas devemos ainda notar que, na *Inspectio Cordis*, considerando a virtude da caridade, Pe. Papczyński fala de um modo sumário das obras de misericórdia, exortando os religiosos a “visitar os doentes, instruir os ignorantes, corrigir os perversos, ir em socorro daqueles que têm necessidade de conselhos e dos que estão privados de assistência humana, libertar os prisioneiros, visitar os encarcerados, consolar os aflitos”, e define estas obras de misericórdia como “excelentíssimas acções de caridade”<sup>42</sup>.

As obras de misericórdia, no modo em que nos são apresentadas, constituem portanto uma parte importante da doutrina ascética deixada pelo Pe. Papczyński a todos os fiéis.

Por sua vez, nós os Marianos devemos reconhecer nelas uma parte preciosa do património espiritual e do carisma que o Pe. Papczyński nos quis deixar como Fundador.

---

<sup>40</sup> Cf. *Apocalipse* 14, 13: “Opera enim illorum sequuntur illos”, “As suas obras seguem-nos”, isto é, as obras dos “mortos que morrem no Senhor”, porque “repousarão das suas fadigas”.

<sup>41</sup> *Imitação de Cristo*, Livro Primeiro, cap. III, 5.

<sup>42</sup> *IC*, p. 406.